


## Rádios livres sorocabanas: o depoimento de Cláudio José Dias Batista sobre a rádio Voyage<sup>1</sup>

**Felipe Parra** – Universidade de São Paulo | São Paulo | SP | Brasil. E-mail: [parra.profissional@gmail.com](mailto:parra.profissional@gmail.com) 

**Luciano Victor Barro Maluly** – Universidade de São Paulo | São Paulo | SP | Brasil. E-mail: [lumaluly@usp.br](mailto:lumaluly@usp.br) 



Natural de Itapetininga/SP, Cláudio José Dias Batista é advogado e atua em Sorocaba há mais de 20 anos. Antes de se dedicar a carreira em advocacia, trabalhou como locutor em relevantes emissoras do interior de São Paulo. Rádio Vanguarda, Metropolitana, Cacique e Difusora de Itapetininga são alguns exemplos. Na infância já se interessava pela linguagem radiofônica. Devido a isso, Batista criou uma das mais relevantes rádios livres de Sorocaba, a Voyage. Aos poucos, essa prática ganhou popularidade nessa

cidade. Tal atividade ficou conhecida como o movimento das rádios livres sorocabanas.

Essa iniciativa realizada por jovens nasceu de forma autêntica e sem publicidade. Isso deu voz, segundo Nunes (1994), aos amantes da música e tornou as rádios sorocabanas a mais positiva expressão do prazer em fazer rádio. A importância do movimento é descrita em vários livros, teses e dissertações. Devido a isso, pode-se afirmar que o desenvolvimento da comunicação radiofônica no Brasil segundo Machado, Magri e Masagão (1986), possui intrínseca relação com as rádios livres sorocabanas. Contudo, nota-se que há poucas informações acadêmicas sobre essas rádios do interior de São Paulo. Questões como quem eram seus realizadores e qual foi a razão de ser dessas emissoras ainda não foram abordadas em uma investigação científica. Diante disso, busca-se mais informações sobre essas emissoras clandestinas da Cidade de Sorocaba pela coleta de depoimentos dos sujeitos que participaram ativamente desse movimento.

A entrevista com Cláudio José Dias Batista foi realizada na cidade de Sorocaba, em 12 de julho de 2018, por meio de perguntas semiestruturadas que buscam resgatar e/ou revelar aspectos acerca das rádios livres sorocabanas. O principal objetivo desta entrevista se concentra em registrar conceitos e pensamentos que auxiliem na produção acadêmica de um panorama a respeito dessas emissoras independentes da década de 1970 e 1980.

<sup>1</sup> Entrevista com Cláudio José Dias Batista - E-mail: [claudioonpcoelho@uol.com.br](mailto:claudioonpcoelho@uol.com.br)

**Felipe Parra; Luciano Victor Barro Maluly** - Gostaríamos de saber como foi sua experiência com as rádios livres sorocabanas na década de 1980.

**Cláudio:** Sou de Itapetininga, gostava de rádio e, em meados de 1979, me mudei para Sorocaba. Chegando na cidade, percebi que tinham duas ou três rádios piratas funcionando. Estas rádios operavam com um transmissor muito simples, com somente um transistor. Esse componente (o transistor 2n2222) é o básico do básico para se montar uma rádio pirata. Hoje, um circuito completo desse custa menos de R\$100,00. Além disso, é preciso um cabo e uma antena plano terra. A confecção dessa antena é simples. É necessário somente um conector de RF e cinco pedaços de fio rígido de 80 centímetros. Eu chamo essas rádios de piratas. Pirata no sentido de estar à vontade para fazer o que quiser. Foi trabalhoso descobrir onde eram essas rádios, mas acabei encontrando-as. Dessa maneira, cheguei até a rádio Spectro FM. Essa rádio ficava na região do Cerrado, no bairro Vila Santa Terezinha, em Sorocaba. Próxima dessa emissora funcionava a rádio Estrôncio 90 FM. Com o auxílio dos realizadores dessas rádios, aprendi como era o transmissor. Eles me passaram o esquema de como montar uma rádio. Com isso, eu criei minha própria rádio que, inicialmente, se chamava Centauros 2001. Pouco tempo depois, mudei o nome para Voyage. Nós pichamos muros com o nome da emissora e a frequência, que era a 95.5 MHz de FM, para divulgar a rádio. O interessante é que o jornal sorocabano "Cruzeiro do Sul" relatou na época esse acontecimento. Esse transmissor era pequeno e, onde eu morava, o sinal era relativamente fraco. Porém, a rádio pegava em boa parte da cidade. A Spectro FM, por exemplo, tinha uma programação muito semelhante com a da Jovem Pan na época. A Estrôncio 90 FM já tocava rock progressivo. Na Voyage eu não sabia muito bem o que tocar. Então optei por misturar várias tendências musicais. Não tinha uma programação definida, do dia inteiro.

**Felipe Parra; Luciano Victor Barro Maluly** - A Voyage e as outras emissoras transmitiam horas por semana?

**Cláudio** – Cada um fazia o que queria. Contudo, como todos trabalhavam ou estudavam de dia, a programação era noturna. Claro que tinham algumas que emitiam de manhã e/ou a tarde, mas era mais comum essas rádios funcionarem a noite.

**Felipe Parra; Luciano Victor Barro Maluly** - Qual era a razão de ser da rádio Voyage? Ela fala para alguma comunidade de Sorocaba ou para amigos?

**Cláudio** – A primeira matéria que saiu sobre o assunto comparava as rádios livres sorocabanas com as rádios livres francesas. Porém, a proposta era outra. Em Sorocaba nós queríamos colocar as rádios no ar e ter voz. Isso

não significava que reivindicávamos direitos. Isso foi muito decantado na época, mas não era o que nós pensávamos. A programação era a principal característica das rádios livres sorocabanas. As emissoras eram diferentes das rádios convencionais. Emitíamos músicas de diversos estilos como bolero, rock, sertanejo etc. Outro fato interessante é que, na madrugada, os donos de rádio ficavam se comunicando. Para isso eles tinham dois aparelhos de rádio. Um emitindo a voz e o outro para captar a frequência da outra rádio. Assim, tinha-se um canal para falar e outro para ouvir. Para você ouvir a conversa inteira também era necessário ter dois rádios, pois em uma frequência era possível ouvir um realizador falando e em outra havia a possibilidade de ouvir o outro dono de rádio respondendo. Utilizadas dessa maneira, as rádios livres sorocabanas funcionavam como uma espécie de telefone.

**Felipe Parra; Luciano Victor Barro Maluly** - Eu moro em Sorocaba desde que nasci e me lembro de ouvir uma rádio bem diferente dos padrões comerciais quando tinha meus seis ou sete anos. Era uma rádio nitidamente feita por adolescentes (a voz e o amadorismo deixavam claro essa característica) que pegava aqui na rua Ubaldino do Amaral, no centro de Sorocaba.

**Cláudio** – Quando isso ocorreu?

**Felipe Parra; Luciano Victor Barro Maluly** – Meados de 1983, 1984.

**Cláudio** – Haviam duas rádios que funcionavam nessas imediações. Uma na rua Santa Clara e outra perto do Fórum Velho. Basicamente, essas rádios tocavam rock. Porém, a que funcionava nas proximidades do Fórum Velho emitia com periodicidade músicas da banda Queen. Tinha uma diversidade musical grande. Uma rádio no Jardim América, perto da avenida Washington Luiz, era muito divertida. O dono era o mais engraçado e debochado das rádios livres sorocabanas. O início do programa Pânico no rádio parece ser uma cópia do que essa pessoa fazia aqui em Sorocaba. Ele zombava dos ouvintes e de si próprio. A linha de programação dessa rádio era semelhante à das rádios FM. Eu creio que a rádio se chamava Studio FM. E dentro desse contexto, um engenheiro que morava perto da minha casa me presenteou. Eu paguei as peças e ele construiu um novo transmissor de graça. O transmissor que eu usava na rádio Voyage tinha 0,19 Watts. Então, esse aparelho possuía uma potência ínfima. Esse novo transmissor de origem italiana tinha 3 Watts, com três transistores. Devido a isso, era possível sintonizar a Voyage de qualquer parte de Sorocaba. Os 3 Watts tinham a capacidade de cobrir a cidade inteira e todos os donos de rádios livres se assustaram com essa potência. Na época eu morava no alto da Vila Hortência e de lá era muito boa a propagação. No entanto, tinha um erro no projeto desse transmissor. Esse erro fazia com que a rádio Voyage fosse emitida em duas frequências diferentes ao mesmo tempo. Esse erro

se chama espúrio. Isto é, minha rádio estava gastando potência lançando em outra frequência. E eu não tinha como controlar, pois, eu não sabia ajustar isso. Dependia de um engenheiro eu de um técnico com bastante experiência, o que não era o meu caso, para solucionar esse problema. Então a rádio Voyage pegava em duas frequências: a 95.5 MHz de FM e em outra. Essa maneira de se fazer rádio foi adquirindo popularidade até que, no começo da década de 1980, Sorocaba teve mais de 40 rádios livres. Basicamente, essas emissoras usavam um esquema antigo de transmissor. O sonho de todos os donos de rádios em Sorocaba era ter um transmissor como o meu. Porém, eu não tinha uma programação interessante como as outras emissoras, pois eu não tinha muito tempo para me dedicar. Nesse período, um amigo meu daqui de Sorocaba chamado Mario Cesar Carvalho estava fazendo o Curso Superior de Audiovisual na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Ele resolveu fazer uma matéria para uma revista chamada "Crítica da Informação". Esse era o único veículo em que o Mario conseguia publicar. Nessa revista, ele conseguiu publicar uma matéria de cinco páginas sobre as rádios sorocabanas. Nós fizemos fotos mostrando como era o funcionamento das emissoras. A matéria relatava o crescimento das rádios livres em Sorocaba. Essa revista era destinada a jornalistas e, devido a isso, os profissionais do jornal "Folha de São Paulo" entraram em contato com o Mario após lerem esse material. O jornal pediu para ele fazer uma matéria sobre as rádios livres sorocabanas. Então, o Mário fez um novo trabalho sobre o assunto, só que mais amplo, com algumas dicas sugeridas pelos editores da Folha. Era uma reprodução da matéria que saiu na revista "Crítica da Informação", mas mais completa. Foi entrevistado também alguns membros do Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel). Essa matéria foi capa da "Folha de São Paulo" e abordava as rádios livres, as piratas e as comunitárias, pois o FM estava crescendo. Isso chamou a atenção da cidade de São Paulo, pois a população paulistana não tinha ideia do que estava acontecendo em Sorocaba. Quando essa matéria da "Folha de São Paulo" adquiriu popularidade, a revista "Veja" também resolveu reproduzir. Porém, para a "Veja", nós fizemos fotos em outro lugar, para não mostrarmos nossas rádios, e usamos máscaras para esconder o rosto. Nesta época eu tinha 16 anos e eu estava recebendo jornalistas de renomados meios de comunicação para falar sobre a minha rádio. Hoje, o Mario Cesar Carvalho é um dos editores da "Folha de São Paulo". Um fato interessante é que quando o Mario fez o curso na ECA-USP, ele morava em uma república com outros quatro amigos na cidade de São Paulo. Essa república era frequentada pelas bandas As Mercenárias, Ira!, RPM e Ultraje a Rigor. Neste período nenhuma dessas bandas era conhecida nacionalmente, mas todos estavam adquirindo notoriedade. Na ocasião, o Mario me pediu um transmissor para começar a fazer uma rádio que operaria de dentro dessa república. Então, dei o meu transmissor de 3 Watts que eu usava na rádio Voyage e, assim, eles montaram uma rádio chamada Piratas SP. O Paulo Ricardo (líder da banda RPM), sabendo da história das rádios piratas e do

que estava ocorrendo, escreveu a música “Rádio Pirata” em homenagem a essa rádio que nós montamos em São Paulo. Aí as rádios livres sorocabanas continuaram e minha história se separa um pouco delas. Eu entrei como profissional do rádio efetivamente. Visitei a rádio Vanguarda para saber como funcionava as rádios comerciais e, assim, montar o mesmo esquema dentro da minha rádio. Nesta ocasião, fui muito bem recebido pelo famigerado senhor Salomão Pavlovsky. Ele insistiu para que eu fizesse um teste para locutor de FM. Nesse período eu não tinha nenhuma pretensão de ser locutor de uma rádio. Eu somente falava na minha rádio, sem nenhuma preparação. Eu fiz o teste e, após a gravação, a senhora Cecilia Pavlovsky (filha do senhor Salomão) reprovou meu desempenho. Mesmo com esse contratempo, fui selecionado para ser operador no AM, passei a falar a hora certa na rádio e virei locutor na rádio Vanguarda. E assim comecei minha carreira nas rádios comerciais e acabei me distanciando do movimento das rádios livres sorocabanas. Em meados de 1986, nós pensamos em fazer alguma coisa em relação a legalização das rádios de Sorocaba. Eu continuava trabalhando em uma rádio comercial, mas eu defendia a causa, embora a minha rádio não estivesse mais no ar. O jornalista sorocabano Joaquim Gil de Carvalho fez uma matéria destacando essa reivindicação. De fato, houve essa regulamentação. Porém, foi feita de uma maneira errada. Nesse processo foi estabelecido que era legal ter somente uma rádio desse tipo, como se a cidade de Sorocaba não tivesse múltiplas visões. A ideia das rádios livres sorocabanas se concentrava na pluralidade de ideias. Isto é, você ter a liberdade de colocar no ar aquilo que te interessava. Durante o período de mais atividade das rádios em Sorocaba, emitia-se músicas sertanejas, por exemplo. Essas músicas não tocavam nas rádios convencionais de FM. A rádio que tocava bolero era operada por um cantor muito dedicado a essa iniciativa. Era interessante que ele emitia gêneros que eu nunca imaginava que pudesse ter em uma rádio. Funcionava na casa dele e essa rádio tocava a noite toda. Esporadicamente essa emissora também estava no ar de dia. Não buscávamos lucro. Se você prestar atenção na letra da música Rádio Pirata do RPM, o Paulo Ricardo fala a seguinte frase: dinamitar um paiol de bobagens. Essa era uma metáfora que se referia as rádios comerciais da época. A rádio Piratas SP tinha esse pensamento. A ideia enfatizava que piratas eram as rádios comerciais, pois elas estavam atrás do lucro. Nós somente estávamos querendo difundir nossas ideias e as músicas que gostávamos. Hoje, a internet faz o papel das rádios livres. O ambiente digital oferece a oportunidade de qualquer um falar aquilo que quer. Como fui para a rádio comercial, eu pude fazer experimentos dentro dessas rádios convencionais utilizando minha experiência de rádio livre. Sempre busquei inovar e mudar os conceitos da rádio comercial. Eu conhecia a linguagem do rádio convencional e sabia que era possível criar em cima dessa base. Um exemplo disso foi uma iniciativa ocorrida em Itapetininga, em 1985. Era possível transportar minha rádio para qualquer lugar que eu queria. Simplesmente pegava a antena e o transmissor, instalava no local (praça,

rua, parque etc.) e fazia uma transmissão ao vivo. A rádio era móvel. Quando fui para a rádio Difusora de Itapetininga pude experimentar esse conceito. Essa rádio tocava somente músicas e comerciais. Com base nisso, falei para a equipe da rádio que poderíamos inovar. Como não tínhamos locutor, era possível fazer um programa ao vivo de um local frequentado por jovens como, por exemplo, de uma lanchonete. Eu sabia como fazer isso funcionar. Utilizaríamos uma linha privada, que consiste em uma linha telefônica com qualidade plena de som que ligava uma lanchonete de sucesso em Itapetininga com a rádio. Por fim, realizamos essa experiência. Ninguém cogitava em fazer uma rádio transmitir ao vivo de um outro lugar. Nós conseguimos fazer. Conversávamos com o pessoal que estava na lanchonete, a pessoa escolhia uma música do nosso catálogo e a música tocava na rádio. Junto com isso tinha troca de recados entre jovens. Uma forma de paquerar utilizando o rádio. Esse programa ocorria no sábado à tarde. Toda essa ideia veio da experiência que tive com as rádios livres.

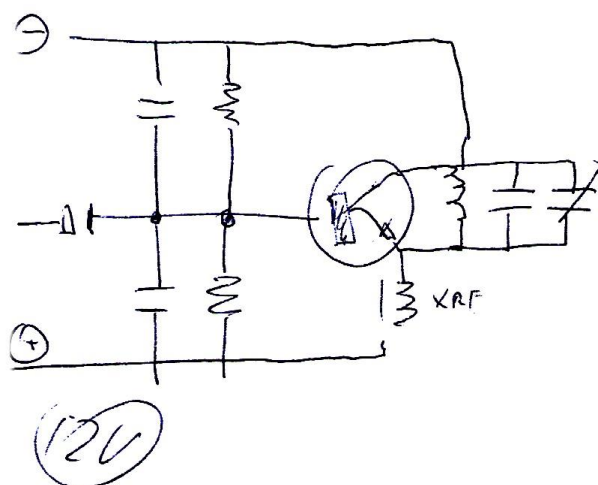
**Felipe Parra; Luciano Victor Barro Maluly** – Existe um relato acadêmico específico que conta uma parte da história da rádio Voyage. Segundo Nunes (1995, p. 39), “[...] a Centauros posteriormente muda de nome para Voyage e se junta à Spectro para formar a mais popular rádio livre de Sorocaba: a Spectro Voyage Clandestina – SVC [...]”. Isso é verdade? Se sim, como ocorreu essa parceria?

**Cláudio** – Sim, é verdade, mas isso foi por pouquíssimo tempo. Eu era muito amigo do dono da Spectro FM. Se não me engano o que combinamos foi que eu dava o transmissor e ele os equipamentos de áudio que eram de alta qualidade para época. Ele tinha dois tape decks Gradiente ou Polyvox, um mixer Quasar de quatro canais e equalizador. Essa união Spectro/Voyage foi muito efêmera. Eu tenho a impressão que eles pegaram essas informações de uma entrevista que dei para o jornalista Joaquim Gil de Carvalho, do “Cruzeiro do Sul”, em 1986, mas não tenho certeza. Esses trabalhos trazem uma visão macro de um fenômeno que não víamos. Para nós era apenas uma questão de transmitir música. Não havia uma bandeira como querem sempre dizer. A bandeira era de “deixa eu por minha rádio no ar”. Alguns gostavam de rock progressivo, outros de pop e depois foram surgindo até os sertanejos e tudo mais. Mas aqui em Sorocaba a ideia era sempre manter um canal de comunicação veiculando o que gostávamos de ouvir. Lembrei que eu tenho até hoje uma camiseta da Voyage, confeccionada em 1981, se não me engano. Outra questão importante é como o jornal “Cruzeiro do Sul” nos tratava. Até a matéria do Mario Cesar Carvalho na revista “Crítica da Informação” acontecer, o jornal era contra as rádios piratas. Quando viu que Sorocaba era a origem de um fenômeno interessante, passaram a abordar não como piratas, mas como jovens livres.

**Felipe Parra; Luciano Victor Barro Maluly** – Há tentativas de recontar a história das rádios livres sorocabanas que falam sobre um professor da escola técnica em Sorocaba que ensinou seus alunos a construir transmissores de rádio (COSTA, 2010). Segundo a fonte citada, esse foi o início das rádios livres sorocabanas. O senhor poderia relatar como isso ocorreu?

**Cláudio** – Na época havia uma revista de eletrônica que publicou um esquema de um microfone sem fio. Basicamente era um transmissor pequeno e bem simples de fazer. O dono da rádio Alfa 1 FM era um estudante de engenharia elétrica. A rádio Spectro FM tinha dois donos. Eram dois irmãos. Um trabalhava com o pai em uma lanchonete da família e o outro também era estudante de engenharia. Outro que também estudava para se tornar engenheiro era o dono da Estrôncio 90. FM Esse esquema chegou até um deles (não me lembro se isso ocorreu com o dono da Alfa 1 FM ou da Spectro FM). Ele entendeu que se colocasse um outro transistor nesse esquema, seria possível fazer um transmissor de rádio. O transistor publicado na revista foi substituído pelo 2n2222, que era um transistor diferente e oscilava com uma potência maior (Figura 1).

**Figura 1 – Esquema usado nas rádios livres sorocabanas desenhado por Claudio José Dias Batista**



Fonte: <http://comunicacaocognitiva.blogspot.com/2018/07/relatos-sobre-o-inicio-das-radios.html>

Portanto, não existia um professor que nos ensinou a montar uma rádio. Alguém pegou esse esquema na revista, o adaptou e passou para as outras pessoas interessadas. Era só comprar as peças e montar para ter uma rádio no ar. Bastava ter o esquema.

**Felipe Parra; Luciano Victor Barro Maluly** – Há mais alguma observação e/ou história que o senhor queira relatar sobre as rádios livres sorocabanas?

**Cláudio** – As rádios livres sorocabanas propagavam a ideia de fazer o quer quiser, como quiser e quando quiser. Era a liberdade para além das emissoras convencionais. Me lembrei de outras informações sobre esse período da minha vida. Eu sempre tive uma ideia empreendedora. No período que a rádio Voyage ainda estava no ar, eu montei uma franquia da minha emissora. Somente tinha um franqueado. Esse rapaz estudava comigo e ele queria ter uma rádio. Eu falei que ele poderia fazer isso, mas que tinha a obrigatoriedade de retransmitir minha rádio quando eu pedisse. Quando comecei a trabalhar na rádio Cacique, algumas pessoas tentaram me prejudicar. Ligaram para o senhor José Rubens Bismara (dono da rádio Cacique) e falaram que eu tinha uma rádio pirata. Ele me chamou e abordou o assunto. Com receio, disse que sim, mas não tinha mais essa rádio desde quando comecei a trabalhar na rádio Vanguarda. Ele me parabenizou pela iniciativa e disse que, embora fosse contra os interesses das rádios comerciais, a atividade enriquecia meu currículo. O interessante é que o senhor José pediu para eu sugerir algumas mudanças na rádio Cacique devido a minha experiência com rádios livres. Outro ponto a destacar é que eu não tinha a melhor rádio de Sorocaba, mas era a melhor em fazer marketing. Eu trabalhava muito bem o marketing da minha rádio. Sempre estava presente em eventos, confeccionava camisetas etc. Tanto que, em 1983, a rádio Metropolitana queria me contratar, pois sabiam do meu envolvimento com os jovens. Um dia eu estava no Sorocaba Clube e um representante do Colégio Objetivo me abordou. Esse colégio tinham um programa educacional chamado As Melhores Cabeças. Essa iniciativa se concentrava na ideia da necessidade de ter jovens formadores de opinião estudando no Colégio Objetivo para valorizar o nome da escola. Com base nisso, o senhor Oscar Vieira (um dos donos do Colégio Objetivo) me convidou para estudar no colégio de graça. Quando a rádio Metropolitana veio para Sorocaba, o senhor Oscar me indicou para os donos da emissora. E assim eu fui para a rádio Metropolitana como o primeiro locutor dessa rádio em Sorocaba.

**Felipe Parra; Luciano Victor Barro Maluly** – O senhor conhecia as rádios livres francesas na época?

**Cláudio** – Eu somente fui conhecer esse movimento depois que li as matérias que falavam sobre as rádios de Sorocaba. Os veículos de comunicação nos comparavam com emissoras estrangeiras, como a rádio Tomate. Porém, para nós, isso somente ocorria aqui. Essa era nossa realidade. Historicamente não sabíamos de nada. Não tinha ninguém revolucionário de verdade em Sorocaba. A revolução era a ideia de poder fazer diferente do que as rádios convencionais faziam. Em meados de 1983, 1984, todo show que acontecia em Sorocaba e região, eu tentava entrevistar os artistas. Normalmente, esses músicos e compositores eram



muito simpáticos à ideia de rádio livre. Eles gravavam falas para serem colocadas durante a programação, entrevistas etc. Kid Vinil, Zizi Possi, Luiz Guedes e Thomas Roth eram alguns desses artistas. Agora, quem sempre gravava comigo era o Lulu Santos. Aí vem uma outra história. Eu sou primo do Sérgio Dias e do Arnaldo Baptista da banda Mutantes. Apesar de usarem sobrenomes diferentes artisticamente, eles eram irmãos. O Sérgio e o Arnaldo também tinham mais um irmão chamado Cláudio César Dias Baptista. Provavelmente, o Cláudio foi um dos maiores engenheiros de som da década de 1970 e 1980. Foi ele que criou a aparelhagem para os Mutantes; de guitarra a amplificadores. O Lulu Santos era um grande fã do Cláudio César Dias Baptista. Em umas das entrevistas que fiz com o Lulu Santos para minha rádio na década de 1980, a Scarlet Moon (mulher dele na época) falou que nós éramos muito parecidos. Essa comparação gerou algumas brincadeiras. Então, o Lulu me perguntou como era meu nome. Quando eu disse que era Claudio José Dias Batista, ele ficou muito surpreso e começou a falar sobre o engenheiro de som Cláudio César Dias Baptista. Eu disse que ele era meu primo, mas nunca tive um contato próximo. Essa conversa gerou uma amizade entre nós e toda vez que nos encontrávamos o Lulu Santos me chamava de primo do Cláudio. Ele era um grande defensor das rádios livres. Na visão do Lulu, era importante ter diversidade e fugir dos padrões estabelecidos. Os próprios artistas estavam condicionados ao formato das rádios comerciais. Se a música tivesse mais do que três minutos e meio, não tocava nas emissoras. Ele queria ter a liberdade de poder compor uma música de 10 minutos. A primeira banda brasileira a fazer isso foi o Legião Urbana com a música "Faroeste Caboclo". É importante falar que existe uma grande diferença entre os locutores profissionais e os de rádios livres. O estilo profissional de locução em FM era padronizado e parecia uma imitação do Silvio Santos. Já as pessoas que faziam rádios livres em Sorocaba falavam normalmente. Eram rádios que conversavam com seus ouvintes e, conseqüentemente, criavam uma proximidade com as pessoas. Não era uma locução fabricada. No final do movimento das rádios livres sorocabanas eu dei uma entrevista para a TV Manchete e outra para a MTV. Porém, eu já estava fazendo direito e fazia muito tempo que eu não me dedicava a essas emissoras. As entrevistas se concentraram em torno da seguinte ideia: a rádio tem que ser livre? O governo deve liberar frequências para essas rádios? No meu ponto de vista sim. Com a possibilidade de se expressar pelo rádio livremente, é possível fugir do padrão e propor novas lógicas. Devido ao advento da internet, o rádio começa a parar de tocar músicas. Hoje, nota-se essa tendência. Parece que as pessoas acham que o rádio não precisa mais das músicas. Eu sou ao contrário. Tenho as músicas no celular, mas prefiro ouvir canções no rádio. O rádio tem a função de trazer novidades. É uma forma de você se inteirar sobre as novas vertentes musicais da atualidade.

**Felipe Parra; Luciano Victor Barro Maluly** – Na minha perspectiva, quando uma música que você gosta toca no rádio, a sensação é outra.

**Cláudio** – Sim. A lógica é muito diferente de você colocar para ouvir em um aparelho. É como se aquela música fosse um presente que o rádio te oferece.

## Referências

COSTA, Mauro Sá Rego. Rádios livres e rádios comunitárias no Brasil. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 1-13, 2010.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios livres**: reforma agrária no ar. São Paulo: Brasiliense, 1986.

NUNES, Marisa Aparecida Meliani. **Rádios livres**. O outro lado da voz do Brasil. 1995. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.